

Biblioteca Anarquista



Democracia e Anarquia

Errico Malatesta

Errico Malatesta
Democracia e Anarquia
Pensiero e Volontà, Março de 1924

www.portaloaca.com

Titulo Original: **Democracia y Anarquia**. Tradução e Revisão por
André Tunes @*Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista*.
Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou
em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu
conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

Pensiero e Volontà, Março de 1924

Os governos ditatoriais descontrolados na Itália, Espanha e Rússia, que despertam tanta inveja e saudade entre os partidos mais reacionários e fracos de todo o mundo, eles estão fornecendo “democracia” despossuída com uma espécie de nova virgindade. Assim, vemos reemergir – quando não lhes falta coragem – criaturas de antigos regimes, bem-acostumados com as artes obscuras da política e responsáveis pela repressão e massacres do povo trabalhador, apresentam-se como homens de progresso, procurando capturar o próximo futuro em nome da libertação.

E, dada a situação, eles poderiam até conseguir.

Há algo a ser dito sobre as críticas feitas à democracia por regimes ditatoriais e a forma como expõem os vícios e as mentiras da democracia. Lembro-me que o anarquista Hermann Sandomirski, um bolchevique com quem tivemos um contato agridoce na época da conferência de Gênova, e quem agora está tentando se assemelhar a Lenin com Bakunin, não menos; Digo que lembro de Sandomirski que, para defender o regime russo, tirou seu Kropotkin para demonstrar que a democracia não é a melhor forma imaginável de estrutura social. Seu método de raciocínio, como um russo, me lembrou – e acho que contei a ele – o raciocínio de alguns de seus compatriotas quando, em resposta à indignação do mundo civilizado antes do despojamento, chicotamento e enforcamento de mulheres, argumentaram que se os homens e mulheres têm direitos iguais também devem aceitar responsabilidades iguais. Os defensores da prisão e do cadafalso só se lembram dos direitos das mulheres quando servem de pretexto para novas atrocidades! Desse modo, as ditaduras só se opõem aos governos democráticos quando descobrem que existe uma forma de governo que dá ainda mais espaço ao despotismo e à tirania para aqueles que conseguem manter o poder.

Para mim, não há dúvida de que a pior das democracias é sempre preferível, talvez apenas do ponto de vista educacional, do que a melhor das ditaduras. É claro que a democracia, o chamado governo do povo, é uma mentira; mas a mentira sempre une o mentiroso e limita o grau de seu poder arbitrário. É claro que o “povo soberano” é um palhaço soberano, um escravo com uma coroa e um cetro de papel machê. Mas acreditar que alguém é livre, mesmo quando não é, é sempre melhor do que se conhecer como escravo e aceitar a escravidão como algo justo e inevitável.

A Democracia é uma mentira, é opressão e é, na realidade, oligarquia; isto é, o governo dos poucos para o benefício de uma classe privilegiada.

Mas ainda podemos combatê-la em nome da liberdade e da igualdade, ao contrário daqueles que o substituíram ou querem substituí-lo por algo pior.

Nós não somos democratas, porque, entre outras razões, a democracia mais cedo ou mais tarde leva à guerra e à ditadura. Assim como não somos defensores das ditaduras, entre outras coisas, porque a ditadura desperta o desejo de democracia, provoca um retorno à democracia e, portanto, tende a perpetuar um círculo vicioso no qual a sociedade humana oscila entre a tirania aberta e brutal, e uma liberdade falsa e enganosa.

Então, nós declaramos guerra à ditadura e à guerra contra a democracia. Mas o que colocamos em seu lugar?

Nem todos os democratas são como os descritos acima – hipócritas que estão mais ou menos conscientes de que, em nome das pessoas, eles querem dominar o povo e explorá-lo e oprimi-lo. Há muitos, especialmente entre os jovens republicanos, que têm uma crença séria na democracia e veem isso como o meio para obter a liberdade de desenvolvimento total e completo para todos.

Estes são os jovens que gostaríamos de desiludir, persuadi-los a não confundir uma abstração – “o povo” – com a realidade viva, que é mulheres e homens com todas as suas diferentes necessidades, paixões e aspirações frequentemente contraditórias.

Não é nossa intenção repetir aqui as nossas críticas ao sistema parlamentar e a todos os meios destinados a terem deputados que representem realmente a vontade do povo, uma crítica que, depois de cinquenta anos de propaganda anarquista, ela é finalmente aceita e até repetida por aqueles escritores que mais parecem desmerecer nossas ideias (por exemplo, *Ciência Política*, pelo senador Gaetano Mosca).

Nós apenas convidamos nossos jovens amigos a usar mais precisão na linguagem, com a convicção de que, assim que as sentenças forem analisadas completamente, eles verão por si mesmos como estão vazias.

‘Governo do povo’, não, porque isso pressupõe o que nunca poderia acontecer – a completa unanimidade da vontade de todos os indivíduos que compõem a cidade.

Seria mais próximo da verdade dizer “governo da maioria do povo”. Isso implica uma minoria que deve ou se rebelar ou se submeter à vontade dos outros. Mas nunca acontece que os representantes da maioria das pessoas concordem em todos os assuntos; Portanto, é necessário recorrer novamente ao sistema majoritário e, assim, nos aproximaremos da

verdade com: “governo da maioria dos eleitos pela maioria dos eleitores”. O que já começa a ter uma forte semelhança com o governo da minoria.

E se, então, levarmos em consideração a maneira pela qual as eleições foram realizadas, como os partidos políticos e grupos parlamentares são formados e como as leis são feitas, como são votadas e aplicadas, é fácil entender o que já foi provado a experiência histórica universal: mesmo nas democracias mais democráticas é sempre uma pequena minoria que governa e impõe sua vontade e interesses pela força.

Portanto, aqueles que realmente querem o ‘governo do povo’ no sentido de que todos possam afirmar sua própria vontade, ideias e necessidades, devem garantir que ninguém possa governar os outros, nem a maioria nem a minoria; em outras palavras, o governo, isto é, qualquer organização coercitiva, deve ser abolida e substituída pela organização livre daqueles com interesses e propósitos comuns.

Isso seria muito simples se todos os grupos e todos os indivíduos pudessem viver isolados e sozinhos, à sua maneira, sustentando-se independentes do resto, suprimindo suas próprias necessidades materiais e morais. Mas isso não é possível, e se fosse, não seria desejável, pois isso significaria o declínio da humanidade em relação à barbárie e selvageria.

Se eles estão determinados a defender sua própria autonomia, sua própria liberdade, todo indivíduo ou grupo deve, portanto, compreender os laços de solidariedade que os ligam ao resto da humanidade e possuir um senso moderadamente desenvolvido de simpatia e amor ao próximo, de maneira de saber como voluntariamente fazer os sacrifícios essenciais para a vida em sociedade que trazem o máximo de benefícios possíveis em cada situação.

Mas acima de tudo, deve ser impossível para alguns impor e absorver a vasta maioria através da força material.

Vamos erradicar a força militar, o homem armado a serviço do déspota, e de uma maneira ou de outra devemos chegar a um acordo livre, porque sem tal acordo, livre ou forçado, não é possível viver.

Mas mesmo o livre acordo sempre beneficiará aqueles que estão intelectualmente e tecnicamente preparados. Portanto, recomendamos aos nossos amigos e àqueles que verdadeiramente desejam o bem de todos, que estudem os problemas mais urgentes, aqueles que exigirão uma solução prática no dia em que o povo abalar o jugo que os oprime.